

Vinicius Motta da Costa

Francisco José Figueiredo Coelho

Marcelo Diniz Monteiro de Barros

7º ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

GT 03: Culturas juvenis na escola

Vamos falar sobre drogas? Possibilidades educativo-preventivas e de formação cidadã para discentes através do samba de Bezerra da Silva

Belém, Pará

2021

RESUMO

A relação dos indivíduos com substâncias lícitas e ilícitas, ou simplesmente drogas, percorre a construção das realidades sociais, em especial do século XX até os tempos atuais. Neste sentido, a construção de uma atmosfera difusa acerca das drogas - vistas como malefícios por variados governos e parcelas da sociedade ou como uma possibilidade da experiência humana para outros grupos - criou as bases para ações que propõem que as drogas sejam analisadas no âmbito escolar. Assim, uma pesquisa de mestrado buscou analisar como o uso do samba *Overdose de Cocada*, composição gravada por Bezerra da Silva nos anos 1990 e que foi estruturada em um roteiro dialógico (espécie de esquema didático), pode fazer uso de aspectos lúdicos para despertar o interesse dos alunos e fomentar espaços educativo-preventivos acerca do uso abusivo de substâncias. A análise coletiva do conteúdo da composição citada e a interpretação dos relatos dos discentes produzidos durante a atividade, de acordo com os preceitos da Redução de Danos (RD) de enfoque educativo em uma interface interdisciplinar (saberes biológicos, emocionais, históricos e sociais) da realidade social, trazem também a promoção de uma postura cidadã na coletividade através da troca de saberes entre os participantes foram evidências encontradas na atividade realizada em uma escola estadual localizada em uma cidade da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a famigerada “pedagogia da violência” (aspas nossos) acerca das relações com as drogas tem guiado, em torno de um século, políticas públicas de opressão e cerceamento da população. Essa alienação para uma política educativa secular de guerra às drogas aos poucos tem se revelado pouco eficaz e muito mais segregadora e violenta à propriamente estimuladora de um senso coletivo, ou seja, ações que não promovem o respeito à diversidade democrática e a convivência social entre os seres humanos.

Um marco importante que favoreceu a supremacia das políticas proibicionistas no Brasil foi o decreto-lei 4294 de 1921. Tal circunstância de restrição legal avançou para a promulgação oficial de proibição de plantio e venda de qualquer substância considerada psicoativa em território nacional na década de 1970, o que ampliou o panorama de segregação racial e de violência em torno da erradicação do uso de algumas substâncias (BRASIL, 1921; 1976).

Essa perseguição e combate acirrados aos usuários dessas drogas reforçaram o imaginário social de delinquência. Goffman (2015) traz bons apontamentos para entendermos como o usuário de drogas passou a ser visto sob uma métrica generalizante enquanto reflexo de desvios de conduta, isto é, estigmas vinculados a marcas corporais e sociais que não deveriam ser tolerados e que condenavam os seus portadores ao isolamento social. (GOFFMAN, 2015).

Os estigmas mencionados acima operam na classificação social de pessoas e grupos, determinando o que será aceito ou será julgado como desviante. Tatuagens, posições políticas e crença religiosa são elementos que materializam as segregações sociais sofridas pelos portadores de determinadas características abominadas coletivamente (GOFFMAN, 2015).

No caminho de distanciamento das abordagens segregadoras, violentas e proibicionistas, surge a Redução de Danos (RD) como um caminho mais compreensivo e preocupado não apenas em punir o usuário de drogas e a demoniza-lo. Do contrário, a RD parte do princípio que as drogas não são as causadoras de problemas, mas sim o uso inadequado feito delas. Em outras palavras, como apontado por Coelho (2019), Costa, Coelho e Barros (2019) e Martins, Costa, Coelho e Sousa (2020), pauta-se no entendimento integrado dos indivíduos, tendo suas dimensões biopsicossociais respeitadas por qualquer indivíduo. Nessa ótica, a educação pode ser apontada como o caminho para se chegar à novas reflexões educativas que favoreçam a comunicação entre as pessoas e reduzam os impactos da segregação historicamente vinculada e associada com o uso de drogas. Em outras palavras, trata-se de oferecer para as novas gerações olhares mais humanos e acolhedores acerca do tema, estimulando a autonomia e o potencial emancipatório através de práticas pedagógicas que minimizem danos mais agressivos ao corpo, à mente e às relações entre os seres humanos (COELHO, 2019; MARTINS; COSTA; COELHO, 2020).

No âmbito de uma educação mais emancipatória e que esclareça o indivíduo sem o pensamento segregador e punitivo típico das razões proibicionistas, entendemos a importância dos jovens atuais serem autônomos e estimulados para a liberdade de pensamentos, sem exclusão de suas liberdades de expressão e liberdade. Essa ideia é sutilmente expressa por Theodor Adorno (1995), ao propor a emancipação dos indivíduos como fenômeno coadjuvante para uma construção social mais autônoma da realidade onde as pessoas estão inseridas. Neste sentido:

[A]quilo que caracteriza propriamente a consciência e o pensar em relação a realidade, ao conteúdo — a relação entre as formas e estruturas de pensamento do sujeito e aquilo que este não é. Este sentido mais profundo de consciência ou faculdade de pensar não é apenas o desenvolvimento lógico formal, mas ele corresponde literalmente à capacidade de fazer experiências. Eu diria que pensar é o mesmo que fazer experiências intelectuais. Nesta medida e nos termos que procuramos expor, a educação para a experiência é idêntica à educação para a emancipação (ADORNO, 1995, p.151).

No escopo da reprodução social feita sem reflexão pode ser gerada uma espécie de barbárie, ou seja, pensamentos e ações que não estão relacionadas com o estágio de desenvolvimento de uma sociedade. Em outros termos, posturas que não se baseiam na racionalidade, mas com um nível primitivo de agir na coletividade (ADORNO, 1995). Tal postura pode se refletir, em uma dimensão prática, em preconceitos que observam apenas os aspectos condenatórios de comportamentos classificados fora de um padrão normativo, tais como os danos associados ao consumo pelos usuários de drogas (GOFFMAN, 2015).

Considerando os aportes teóricos estabelecidos, é possível pensar em diferentes possibilidades para traçar uma educação emancipatória centrada na RD. Dentre tais, o estímulo às reflexões sociais nos debates sobre drogas que partam das experiências dos jovens e de caminhos mais lúdicos e artísticos, como a apropriação de letras e suas respectivas músicas. A publicação de Costa, Coelho e Barros (2019) apontou elementos importantes para conjugar o caminho lúdico do uso da música com o caminho dialógico-reflexivo dos debates sociais. Esse cenário pode ser aprimorado não apenas para essas intervenções no ensino da sociologia, como para as demais ciências do ensino médio, estimulando – sobretudo – articulações interdisciplinares e transversais (COSTA; COELHO; BARROS, 2019).

Para Costa, Coelho e Barros (2019) através da escuta e da leitura de letras de samba sobre contextos em que a droga está presente, é possível propor uma interpretação no ambiente escolar que busque as motivações que constituem o lugar social da maconha e de outras drogas. Em outros termos, o entendimento sobre as ações dos usuários não estão restritas ao consumo enquanto malefício, mas que observam aspectos culturais e históricos que motivam os indivíduos em seu contato com alguma substância (COSTA; COELHO; BARROS, 2019), especificamente nos debates sobre o consumo de maconha, atualmente bastante polêmico dado o potencial medicinal em voga nas mídias.

Amparado em tais pressupostos, o objetivo desse trabalho é analisar uma intervenção pautada em um roteiro dialógico (espécie de esquema didático), ancorado no samba Overdose de Cocada, de Bezerra da Silva, a fim de discutir como a ludicidade musical pode despertar o interesse e fomentar espaços educativo-reflexivos acerca do

uso abusivo de substâncias com jovens estudantes de uma escola estadual pública da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro.

DESENVOLVIMENTO (APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO, RESULTADOS E REFLEXÃO)

Quanto ao aporte metodológico do presente trabalho¹, tendo em vista o objetivo apresentado, o público-alvo participante da intervenção foi composto por estudantes da 1ª série do Ensino Médio (EM1003) e na 3ª série do Curso Normal/Formação de Professores (CN3001) em um colégio estadual localizado em Duque de Caxias, RJ, cujo nome não será informado para não expor os funcionários e discentes da unidade de ensino.

Os alunos participaram de variadas atividades reflexivas sobre a temática das drogas. Os discentes da CN3001 fizeram parte de duas formações sobre a presença de drogas nas sociedades. Na primeira, de âmbito geral, foram abordados os aspectos positivos e negativos do consumo da maconha, do tabaco e do álcool nas sociedades, enquanto na segunda duas alunas concluintes do Curso Normal receberam informações acerca de saberes científicos sobre dependência, licitude, ilicitude para interação com alunos da EM1003.

Da interação com a 1ª série do Ensino Médio, em que a música de Bezerra da Silva alimentou a reflexão sobre as motivações de venda e uso de substâncias lícitas e ilícitas foram selecionados alguns alunos da EM1003 para a formação de um novo grupo com a multiplicadora da CN3001 para a participação em dois roteiros dialógicos que objetivaram uma análise mais cuidadosa do potencial educativo-preventivo do samba quanto ao uso abusivo de drogas.

Os dados analisados neste trabalho, coletados a partir da atividade intitulada roteiro dialógico 2, foram gravados em uma chamada de vídeo via *Google Meet* no mês de novembro de 2020, mediante autorizações prévias para a coleta das expressões emitidas por 4 discentes - 3 estudantes da EM1003 e 1 da CN3001. A permissão para a coleta das expressões emitidas pelos discentes, incluindo o uso de som e imagem

¹ Esse artigo resulta de uma pesquisa de mestrado realizado no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Biociências e Saúde (PGEBS) do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ).

mediante autorização enviada e respondida via *Google Formulário*, consta no parecer do CEP IOC/FIOCRUZ sob número 24722819.3.0000.5248. Foram utilizados pseudônimos para identificar os participantes da pesquisa, construídos através de prenomes e numeração correspondente ao ano de escolaridade do aluno.

O samba foi escolhido como recurso lúdico para as atividades. O uso do ritmo musical buscou analisar a percepção da droga enquanto fenômeno social, evidenciando as construções sociais sobre o lugar das drogas nos contextos sociais para além das classificações somente associadas ao dano. Neste processo, foi utilizada a música *Overdose de Cocada*, composição de Dinho e Mendonça (1993) gravada por Bezerra da Silva para o álbum *Cocada Boa*. A letra segue abaixo:

Quadro 1: Letra de Overdose de Cocada (continua)

Alô rapaziada,
Se liga no refrão...

É cocada boa
Não é?
É cocada boa...
Ih
É cocada boa
Não é?
É cocada boa.

Outra vez pra marcar.

É cocada boa...

Aí rapaziada, eu tô duro
Só quero a rapa da cocada
E mais nada!

Olha aí!
Já armei meu tabuleiro
Vendo pra qualquer pessoa
Tem da preta e tem da branca
E quem prova
Não enjoa, porque!

É cocada boa... (2x)

Tem preto que come da branca
Tem branco que come da preta
Tem gosto pra todo freguês
Só não vale misturar
Vai numa de cada vez
Não misture o paladar
E overdose de cocada
Até pode te matar.
Só porque...

É cocada boa... (2x)

O delega da área
Já mandou averiguar
"Que é que tem nessa cocada
Que tá todo mundo
Querendo comprar?"
Houve uma diligência
Só para experimentar
Eles provaram da cocada
E disseram doutor
Deixa isso prá lá!
Só porque...

Após a escuta e leitura do material, foram utilizadas as seguinte questões norteadoras para fomentar a reflexão dos alunos:

1. Os termos "cocada boa" fazem você pensar em algo? Por quê?
2. Os versos da música fazem referência às cores branca e preta. Como você interpreta o uso destas palavras pelos autores da letra?
3. A polícia decide não punir os "vendedores de cocada". Por que isto aconteceu? Podemos ver algo parecido com outras drogas? Por quê?
4. Os usuários são retratados como brancos e negros. O perfil do usuário reproduzido pela sociedade ao longo do tempo também é assim? Explique.
5. Em um trecho da letra é dito que "só não vale misturar / vai numa de cada vez". É possível entender estas frases como alertas para não misturar drogas? Isto levaria a um a consumo consciente?

A partir dessas questões, foi realizada uma análise qualitativa, a partir da Análise de conteúdo (BARDIN, 2016) para a formulação de categorias acerca da temática das drogas.

Em relação aos resultados da implementação do roteiro dialógico 2, as respostas dadas pelos discentes proporcionaram uma discussão sobre a associação dos versos com o lugar social da droga.

Sobre a questão 1) *Os termos "cocada boa" fazem você pensar em algo? Por quê?*, três alunos (EDUARDOEM1, KETLENCN3 e VANDEREM1) se pronunciaram. Os dois primeiros externaram que os versos falavam de uma droga na referência a uma cocada boa, mas não especificaram a substância descrita. Já o terceiro entendeu que o

conteúdo mencionava um gosto sobre o produto citado na canção. Os relatos estão apresentados a seguir:

"Pela letra da música ele diz que pode ter uma overdose de cocada. Aí isso reforça a minha ideia [...]" de que essa cocada que ele possa estar se referindo são... é droga, no caso." (EDUARDOEM1)

" É a respeito de drogas mesmo. Ele ali nessa música dá a entender que (pausa) ele não está incentivando ninguém a usar, né? Ele só quer vender pra ganhar o dinheiro dele. Eu entendi isso!"(KETLENCN3)

"Tá falando de gosto nesta parte aí" (VANDEREM1).

Os discursos dos alunos reproduzidos acima revelam que várias leituras são possíveis em se tratando das motivações associadas com uma substância classificada como droga, seja permitida ou proibida. Estes dados favoreceram a construção da **categoria cocada boa é droga**. As diferentes maneiras sugeridas de mencionar um produto pela letra mostram que o contexto e a sociedade em geral estabelecem formas de se relacionar com as drogas. Estratégias para escapar ou minimizar as ações de repressão através do uso de gírias para nomear uma substância como boa, se conectam a ações feitas pelos grupos periféricos para que suas práticas sejam menos desqualificadas. Este mesmo processo foi capturado nas estratégias para que o flagrante de uso de maconha não fosse configurado, tal como na interpretação do samba *A fumaça já subiu pra cuca*, outra gravação de Bezerra da Silva vinculada ao uso de substâncias ilícitas que retrata uma sociedade assentada em preconceitos contra indivíduos e grupos que vivem marginalizados pela origem social (COSTA; COELHO; BARROS, 2019).

Em relação a questão 2) *Os versos da música fazem referência às cores branca e preta. Como você interpreta o uso destas palavras pelos autores da letra?*, quando questionados sobre as cores associadas ao produto retratado na canção, os três alunos que responderam - EDUARDOEM1, KETLENCN3 e VANDEREM1- percorreram caminhos diferentes em sua avaliações do conteúdo da música. Enquanto o estudante EDUARDOEM1 entendeu que as cores serviam para contemplar diferentes compradores do produto, a discente KETLENCE3 compreendeu que se tratam de

classificações dos efeitos das substâncias e o aluno VANDEREM1 interpretou como duas preferências sinalizadas pelo narrador da letra. Tais opiniões, que se associaram na **categoria pessoa e produto**, se encontram a seguir:

"[...] interpretei como pessoas que compram. Tem pessoas negras que compram e pessoas brancas também [...]" (EDUARDOEM1)

"Eu posso tá errada, mas vamos lá, vou dar meu ponto de vista (pausa) da droga branca é assim mais fraca e da preta é aquela algo mais agressiva". (KETLENCN3)

"Acredito que um gosta de cocada branca e o outro de cocada preta" (VANDEREM1).

As impressões dos participantes sobre as apropriações que as pessoas podem criar sobre uma droga serão agora debatidas. O registro da participante KETLENCN3 se aproxima de impressão comum sobre o consumo, que estabelece que existem drogas mais potentes que outras sem contextualizar o ambiente e a pessoa que utiliza a substância. Segundo este raciocínio, determinadas características como a tonalidade negra são vinculados a grupos e comportamentos tidos como prejudiciais para a organização social (GOFFMAN, 2015). Tais impressões também podem ser analisadas como interpretação da realidade que contempla pensamentos e ações diversos, o que considera que o lugar da droga na sociedade não reflete apenas malefícios do consumo, mas também contextos em que a substância é parte integrante da política e da cultura em que os indivíduos atuam. Em outros termos, o consumo deve ser compreendido como parte da constituição de determinada sociedade (ADORNO, 1995; COSTA; COELHO; BARROS, 2019; MARTINS; COSTA; COELHO; SOUSA, 2020).

Já o terceiro questionamento - *A polícia decide não punir os "vendedores de cocada". Por que isto aconteceu? Podemos ver algo parecido com outras drogas? Por quê?*, ao abordar a ação policial acerca da venda da cocada boa, despertou opiniões que revelaram, mais uma vez, a dificuldade de definir se existia uma droga sendo vendida. Neste sentido, EDUARDOEM1 e KETLENCN3 mencionam que temos na situação decrita na canção um produto legal sendo comercializado a tal ponto de um delegado experimentar e não prender o vendedor. Por outro lado, VANDEREM1 enfatiza a existência de corrupção por parte das autoridades quando não prendem os vendedores de cocada. Estas visões dos discentes são apresentadas a seguir:

"Esse termo cocada boa tem duplo sentido, triplo sentido, sei lá o que for.[...] Então, para mim, pode ser que eles estejam vendendo apenas cocada e a gente esteja errado. Mas... dá a entender também que se fosse pra ver de outros lados é, um outro tipo de visão, a gente poderia interpretar como uso de drogas (...)" (EDUARDOEM1)

"Porque as pessoas que vendem essa cocada quando recebem o dinheiro, vai para os policiais" (VANDEREM1)

"Eu pensando aqui (pausa) agora tenho quase certeza que é cocada (pausa) o delegado assim pediu para experimentar (pausa) se fosse realmente uma droga o delegado não ia pedir para experimentar. Ele ali mesmo seria preso" (KETLENCN3).

As percepções dos alunos na questão anterior, tomadas de grande diversidade, se aproximam do que Costa, Coelho e Barros (2019), permitem a construção da **categoria percepção da autoridade** e se mostram como diferencial das abordagens educativo-preventivas acerca das drogas. Esta interpretação é referendada no argumento trazido por Martins, Costa, Coelho e Sousa (2020) quando expõem o potencial gerado pela abertura de espaços dialógicos em que os alunos possam se expressar sobre a legalização da maconha no Brasil. A música pode incentivar a percepção crítica da realidade por parte dos jovens. Nessa perspectiva, os participantes da atividade que foram contagiados pelos versos do samba puderam realizar leituras científicas sobre o material. Tal postura pode favorecer mudanças na forma como as pessoas são classificadas socialmente, permitindo que os indivíduos façam leituras críticas sobre os espaços que ocupam (ADORNO, 1995).

Na questão 4) *Os usuários são retratados como brancos e negros. O perfil do usuário reproduzido pela sociedade ao longo do tempo também é assim? Explique.*, os alunos foram convidados a pensar sobre o perfil do usuário de droga relacionado com indivíduos brancos e negros. Estes foram sinalizados pelos 3 alunos que compartilharam seus pensamentos como exemplos de consumidores de substâncias. Agrupados na **categoria perfil de usuário**, as impressões podem ser observadas a seguir:

"Para a sociedade são os negros [...] Então assim é visto que só os negros que usam, que só os negros são viciados". (KETLENCN3)

"Assim, até hoje em dia tem bastante carga assim... desse pensamento de que se o negro tá estranho quer dizer que ele tá drogado" (EDUARDOEM1).

"Quem consome as drogas no olhar da sociedade são os negros"
(VANDEREM1).

As reflexões sobre o quarto questionamento se estenderam até o debate sobre as origens do preconceito sofrido pelos negros. Nesse viés, os alunos EDUARDOEM1 e VANDEREM1 sinalizaram que o passado de escravidão no Brasil impactou na construção do negro como um indivíduo que vive marcado pela falta de condições básicas de sobrevivência. Os atos associados com esta condição de marginalidade são traduzidos em estigmas que depõem contra os negros (GOFFMAN, 2015). A percepção sobre a construção do julgamento sobre os comportamentos de negros e outros grupos periféricos permite que o estudante faça leituras críticas sobre o contexto em que a sociedade é estururada. Desta forma, atividades educativas podem proporcionar a emancipação e promoção da individualidade, considerando a diversidade de ações como característica de variadas possibilidades de construção de realidade social, onde o consumo de droga está inserido (ADORNO, 1995 COSTA; COELHO; BARROS, 2019; MARTINS; COSTA; COELHO; SOUSA, 2020).

Em relação a quinta pergunta - *Em um trecho da letra é dito que "só não vale misturar / vai numa de cada vez". É possível entender estas frases como alertas para não misturar drogas? Isto levaria a um a consumo consciente?* -, que possibilitou a **categoria impressões sobre o consumo**, dois estudantes (EDUARDOEM1 e KETLENCN3) entenderam que a letra atenta para os riscos de misturar diferentes substâncias. A quantidade de droga a ser utilizada foi a interpretação de VANDEREM1 para o trecho da música. Já MARIAEM1 mencionou a expressão consumo consciente para o seu entendimento do material. Estas reflexões estão reproduzidas abaixo:

"Olha, vamos lá. É..., sobre esta questão de não misturar acho que ele está alertando para que não cause algum problema mais sério (...)" (EDUARDOEM1).

"Que é isso mesmo. Tá orientando a não misturar porque sabe os efeitos de misturar" (KETLENCN3).

"Não venha usar droga numa dose muito alta" (VANDEREM1)

"Acho que levaria sim... um consumo consciente vai que a outra droga seja mais forte" (MARIAEM1).

Sobre os dizeres dos alunos sobre a mistura de substâncias, as reflexões se aproximam com posturas mais autônomas da realidade conforme indica Adorno (2015),

isto é, uma escolha consciente de consumo de substâncias favoreceria posturas críticas voltadas para a emancipação dos indivíduos (ADORNO, 2015).

Considerando o ensino de Sociologia, este pode contemplar a temática das drogas e possibilitar espaços de debate sobre os interesses que se materializaram em decretos e leis sobre drogas, como os aprovados na década de 1920 e 1970 em território nacional (BRASIL, 1921; 1976). Neste sentido, é possível que os estudantes compreendam que os processos de restrição e de aceitação do consumo de substâncias revela como grupos específicos desejam estruturar a sociedade, o que pode favorecer interesses específicos mais voltados para o controle do que para o exercício das identidades (ADORNO, 1995; GOFFMAN, 2015).

Considerando o uso do samba *Overdose de Cocada*, além do envolvimento proporcionado pela melodia e pela construção dos versos da canção, as questões norteadoras propostas durante a atividade auxiliaram na ativação de ideias contidas na composição que podem não ser percebidas em uma audição sem fins educativo-reflexivos. As variantes da *cocada boa*, o papel da polícia a partir de um perfil esperado pela cor da pele do usuário e os riscos na mistura de substâncias (representada pelas cores branca e preta na música) são elementos que podem favorecer uma leitura crítica do contexto em que a substância está inserida.

As ideias sobre os indivíduos que interagem com drogas nos papéis de usuários ou de autoridades policiais podem revelar vinculações que justificam duas posições. De um lado o consumo pelos efeitos produzidos no organismo e na inserção em um contexto onde o uso é valorizado pelos primeiros e do outro a necessidade de demonstrar pela punição legal que o comportamento é inaceitável pelos riscos sociais associados na ótica dos segundos. Tais registros das interpretações dos discentes acerca do recurso utilizado e o fomento do senso crítico dos discentes quanto ao uso abusivo de substâncias foram possibilidades de promoção de um ambiente democrático na escola e na sociedade, aspectos já evidenciadas pelo uso mediado do samba gravado por Bezerra da Silva para refletir sobre o uso e a visão social acerca da maconha (COSTA; COELHO; BARROS, 2019).

As impressões passadas pelos participantes durante a execução do roteiro dialógico 2 revelaram que a escola é um local adequado para a promoção de espaços reflexivos. Em se tratando da droga como fenômeno social, a promoção de espaços de

diálogos favorece que os discentes exercitem um olhar de criticidade sobre a realidade. Tal postura pode impactar decisivamente na formação cidadã dos jovens, apoiados em posturas de respeito com o outro e suas ações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se, mais de uma vez, que o fenômeno drogas compreende várias nuances em que as substâncias foram posicionadas ao longo da história, perpassando uma concepção vinculada ao dano até encontrar as reflexões que abarcam aspectos multifacetados sobre a venda e consumo de drogas legais ou ilegais.

No campos das Humanidades, a construção do estigma como elemento de classificação social trabalhado por Goffman (2015) revela que atitudes relacionadas ao diferente, como o consumo de drogas, são compreendidas sob a dimensão do intolerável. Isso alimenta propostas e ações que almejam condenar o uso de droga ao isolamento ou mesmo o banimento quando corporificada em ações governamentais repressivas também conhecidas pelo termo proibicionismo.

Todavia, a abertura de canais de diálogo com preceitos democráticos e acolhedores favorece a criação de ambientes de reflexão sobre temas considerados tabus, nos quais as críticas aos efeitos individuais e coletivos do consumo de maconha se destacam em oposição ao álcool e demais substâncias permitidas por lei com suas reações subjetivas e coletivas atenuadas ou mesmo ignoradas pelo senso comum. A partir desse quadro diverso ganha espaço o uso de conceitos científicos como dependência e tomadas de decisão mais autônomas e sadias por parte dos estudantes. Tal resultado está em conformidade com o planejamento de atividades estruturadas através de sequências didáticas para exercitar posturas democráticas com discentes da educação básica no segmento do Ensino Médio (Formação Geral e Curso Normal/Formação de Professores), seguindo os apontamentos de Martins, Costa, Coelho e Sousa (2020).

Seguindo esta perspectiva da pluralidade, nota-se o potencial de promoção de criticidade inscrito no planejamento e execução de atividades educativas pautadas na música para mobilização do lúdico através da arte. Os achados de pesquisa reunidos neste trabalho sugerem que a música, no caso o samba *Overdose de Cocada* gravado por Bezerra da Silva, permite abordar a temática drogas considerando o que os alunos

entendem do fenômeno (apoios e restrições), como também incentiva que reflitam sobre os estereótipos - estigmas relacionados às drogas que circulam na sociedade - , tais como os danos causados pelo uso e a iminente degradação na saúde dos usuários. Neste sentido, é importante considerar que as marcas sociais incorporadas no termo vício percorrem o imaginário dos alunos, reproduzindo maneiras de pensar e de agir que podem resultar em atos de segregação ou inclusão apontadas por estudiosos das Ciências Humanas e da Redução de Danos com enfoque educativo e também pela Base Nacional Comum Curricular.

Em virtude da realização de todas as etapas práticas por meio eletrônico e da dificuldade de acesso aos espaços virtuais de interação pelos estudantes que participaram da pesquisa, dado que as interações ocorreram na Baixada Fluminense, a base de dados da atividade ficou restrita a um pequeno universo de participantes das turmas de 1ª série do Ensino Médio e 3ª série do Curso Normal. Tal proposta pode ser melhor explorada e provocar maior engajamento discente em um contexto de tarefas presenciais.

Quanto ao potencial educativo-preventivo a partir da análise multifatorial do fenômeno, isto é, mobilizando de maneira interdisciplinar aspectos culturais, históricos, geográficos, emocionais e biológicos envolvidos no uso de substâncias, as perspectivas futuras apontam que um engajamento efetivo de profissionais de outras disciplinas pode enriquecer as abordagens educativo-preventivas em relação ao uso abusivo de substâncias lícitas e ilícitas. Somando a isso, pode-se projetar uma postura cidadã efetiva por parte dos jovens através de ações conscientes e sensíveis acerca da circulação de drogas nas sociedades, sejam como cidadãos comuns ou em suas áreas de atuação profissional - esta especialmente vinculada com as alunas da CN3001 .

Quanto ao incentivo de uma cidadania em prática, é importante considerar a participação de alunas que eram concluintes em curso técnico voltado para formar docentes para atuação até o 5º ano do Ensino Fundamental. Tal aspecto pode favorecer que crianças recebam informações que favorecerão que o uso abusivo de substâncias não seja feito, o que pode repercutir também entre os responsáveis dos alunos.

Outro aspecto importante é refletir na contribuição da Sociologia enquanto área que analisa a organização das coletividades. Desta forma, a interpretação dos preconceitos pode levar a uma desnaturalização das diferenças sociais em que penalizamos portadores de estigmas sociais, viabilizando a construção de uma

sociedade mais tolerante quanto aos elementos multifatoriais inscritos no consumo de drogas.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**, São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. **Decreto nº 4.294 de 6 de julho de 1921**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Rio de Janeiro, DF, 13/07/1921. Seção 1. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-4294-6-julho-1921-569300-publicacaooriginal-92525-pl.html>. Acesso em 29 maio 2021.

_____. **Lei nº 6.368, de 21 de outubro de 1976**. Lei de Entorpecentes. Diário Oficial da União. Poder Executivo, Brasília, DF, 22/10/1976. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-6368-21-outubro-1976-357249-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 31 maio 2021.

COELHO, F. J. F. **Educação sobre Drogas e Formação de professores: uma proposta de ensino a distância centrada na Redução de Danos**. 245f. Tese (Doutorado) – Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde. Rio de Janeiro, 2019.

COSTA, V. M.; COELHO, F. J. F.; BARROS, M. D. M.. **Desvendando o biológico e o social sobre a maconha através do samba de Bezerra da Silva: um relato de experiência preventivo-educativa sobre drogas**. In: Encontro Regional de Ensino de Biologia da 2ª Regional. Rio de Janeiro, 2019. **Anais...** Rio de Janeiro: CAP/UFRJ e Colégio Estadual Ignácio Azevedo do Amaral. 2019. Disponível em: <http://regional2.sbenbio.org.br/publicacoes/anais_IX_erebio.pdf>. Acesso em 20 de março de 2021.

DINHO; MENDONÇA, I. **Overdose de Cocada**. In SILVA, B. **Cocada Boa**. Rio de Janeiro: BMG Brasil Ltda, 1993. 1 CD. Faixa 1.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC; 2015.

MARTINS, S.; COSTA, V. M.; COELHO, F. J. F.; SOUSA, C. **Debates sobre a legalização da maconha na sala de aula: pedagogia ou apologia na era da resistência?** **RevistAleph**, n. 34, 24 jul. 2020.